

Jogo de interesses desintegra o PMDB

Torna-se cada dia mais evidente o processo de desintegração do PMDB. A nível nacional, percebe-se que a legenda já não tem direcção alguma, agindo seus integrantes de conformidade com as suas convicções e necessidades pessoais (vamos propositadamente não incluir a palavra interesses).

Na Assembléa Nacional Constituinte, por exemplo, cada peemedebista é um partido, que não obedece nem ao multipresidente Ulysses Guimarães nem ao líder eleito Mário Covas. Não há unidade, não há afinidade e quase já não existem pontos de identificação entre os peemedebistas.

Houve um tempo, quando o PDS estava no poder, em que os políticos filiados ao PMDB puzavam a corda todos na mesma direcção. Velhos tempos. Agora, quando o País anseia pelo desfecho do processo constituinte e pela promulgação da nova Carta, os peemedebistas oferecem de público uma demonstração incomparável de desunião.

E o fato de estarem desunidos é significativo: quer dizer, em última instância, que não têm um dirigente e muito menos um líder. Enfim, o PMDB não é singular: é plural. Não causa surpresa alguma, portanto, a circunstância de seus integrantes não se entenderem no plenário da Constituinte, a ponto de deixarem fora o poder decisivo da maioria que são.

Em parte se explica a composição heterogênea do PMDB. Quando a legenda fazia oposição ao governo militar, o ponto de identificação era a luta contra o regime, o propósito, enfim, de resistir. Com isso, políticos de convicções diversas ficaram todos sob o mesmo teto.

Mas agora é como se tivesse quebrado o telhado. Chove dentro da casa e cada peemedebista procura um novo abrigo. Com sua maioria parlamentar, não seria impossível ao partido conduzir de forma menos turbulenta o processo constituinte.

Estivessem seus integrantes realmente unidos e dessa união emergiria uma nova Carta, que exprimiria a tendência partidária. Nada disso ocorre. O PMDB não age como partido, desintegra-se com rapidez e assusta os brasileiros, porque, afinal, na medida em que expõe a impossibilidade de entendimento vai mostrando que o processo de transição democrática corre risco.

Sobretudo, a desunião peemedebista faz avultar o radicalismo e traz quase a certeza de que a nova Constituição não estará pronta nos primeiros meses de 1988. Qual a consequência de não termos logo uma nova Carta? Sem qualquer dúvida, é o adiamento das sonhadas eleições presidenciais, porque não haverá tempo necessário para a aprovação da legislação eleitoral nem para que a Justiça Eleitoral organize o pleito.

No Estado de São Paulo, a exemplo do que ocorre a nível nacional, o desgaste sofrido pelo PMDB faz lembrar os tempos em que o PDS começou a despedaçar-se. Há uma diferença: os pedesistas se dividiam em função de sucessivas derrotas. Com

o PMDB acontece algo mais surpreendente: a legenda se fragmenta por não saber o que fazer com o poder que alcançou quase que integralmente no território brasileiro.

Nas cidades do Interior, sobretudo, os peemedebistas vão buscando novas opções políticas e iniciam desde já a aproximação com as candidaturas opositoristas. Percebem esses líderes locais a erosão que atinge a legenda. Os únicos entusiastas são aqueles que detêm algum mandato. Quanto aos demais, que sentem as aflições cada dia maiores dos brasileiros, vai-se incorporando a certeza de que as eleições traduzirão os sentimentos de inconformismo e de revolta dos governados.

Num primeiro momento, em função da maciça propaganda iniciada pelo governo estadual, o PMDB pareceu recuperar-se no Estado de São Paulo do desapontamento resultante do final do Plano Cruzado e do estelionato eleitoral praticado contra a população. Tinha-se a impressão de que a legenda se manteria forte e unida.

Todavia, de uns dois meses para cá, sentiu-se uma tendência bem nítida de descrédito em relação ao partido. Isso quer dizer que os próprios peemedebistas passaram a descreditar dos resultados da publicidade massificante bem como do acerto das medidas de governo. Ademais, eles perceberam que se implanta uma verdadeira fúria política voltada para a necessidade de derrotar eleitoralmente o PMDB.

Em centenas de municípios paulistas, por causa desses fatos, passou a registrar-se um crescimento inegável das forças que hoje fazem oposição. Legendas que antes se opunham entre si fizeram alianças e prepararam-se para unir esforços anti-peemedebistas. Caminha-se, pelo jeito, para um embate eleitoral que terá o PMDB de um lado, como bicho-papão, e todas as demais legendas de outro, assim como ocorreu nos pleitos anteriores em relação ao PDS.

O exemplo pedesista é muito próximo e serve como alerta para os peemedebistas dissidentes. Assim, muitos deles se compõem com os grupos de oposição, fazendo com que a defeecção represente uma espécie de prenúncio dos próximos resultados eleitorais.

A contribuir para esse clima inclui-se um funcionalismo público extremamente revoltado com o governo estadual. Entre 500 e 600 mil funcionários públicos da administração direta, além de seus familiares, são afetados por baixíssimos salários que recebem desde o ano passado. Esses rendimentos aviltantes que fazem um engenheiro ganhar em torno de 14 mil cruzados, contrastam com a prodigalidade do governo, que torra bilhões de cruzados em publicidade com finalidade político-eleitoral.

É compreensível que os verdadeiros peemedebistas, aqueles que pretendiam chegar ao poder para modificar os costumes e combater a corrupção, estejam insatisfeitos, incomodados e propensos a rever a opção partidária.

A.T.C.